

O BEIJO NA BOCA

A. P. Ribeiro*

Uma cervejinha sabe bem
a olhar para o programa do atrasado mental
enquanto leio o Guy Debord

Nos períodos em que a revolução está distante
é nos círculos poéticos que se conserva a ideia de totalidade
é isso: a ideia de totalidade, de homem total
está para lá da economia
está para lá do cálculo mesquinho e mercantil
está no Artista
no poeta que cria à mesa
que chama o gerente
e pede mais uma
quando há cacau para a cerveja
o mundo pula e avança
e o poeta também
o poeta escreve
abre mundos, abre portas
o raciocínio corre célere
esquece que a Gotucha não está
olha para o cu da gaja
o poeta tem a humanidade à sua mesa
não está só

apesar de o estar
vai pedindo mais cerveja
comemora o ano novo
com um dia de antecedência
a pança enche
há pouco estava triste
agora rejubila de alegria
não sabe bem porquê
o poeta nem sempre usa a razão
deixa a pena correr
chama o gerente
-uma cerveja, se faz favor!-
que isto hoje está a render
está em causa o futuro da humanidade
o poeta está feliz e o gerente traz a cerveja

de sorriso rasgado:
"cá está um bom cliente
um cliente que consome e que está feliz
um cliente que pede a cerveja com alma"
o gerente não pergunta o que o poeta escreve
mas isso também não importa
o que importa é que o poeta-cliente está feliz
e produz
hoje nem sequer pensa em motins e revoluções
tem uma perspectiva holística
vê o homem total

o homem que está de bem consigo próprio
que está de consciência tranquila
que até se ri do programa do atrasado mental
e da diva televisiva de fim de ano
mas continua a não poder ver o primeiro-ministro
sempre que vê o primeiro-ministro o semblante altera-se
sempre que ouve o primeiro-ministro chovem cobras
mas não deixa de se sentir acima das questõezinhas económicas,
dos défices, das décimas, das bolsas, da eficácia
o poeta, às vezes, sente falta de companheiros
para discutir as suas teses
o poeta sente falta do Rocha
e das suas análises sociológicas
mas não deixa de se sentir em cima
a cerveja não acabou
e pode vir sempre mais uma
que se foda!
O que importa é gozar o momento
curtir a hora
enquanto dura
bem sabemos que o mundo é uma merda
que fizeram do mundo uma merda
mas sempre podemos olhar para a perna da gaja
sempre podemos curtir a cerveja
a cerveja substitui os amigos
a cerveja substitui as gajas
e até julgamos que estamos próximos do sublime
e até julgamos que descobrimos a pólvora
mesmo que estejamos sozinhos
num café de Braga
onde pouco se passa:
um homem lê o jornal
o gerente conversa com dois clientes
a televisão passa o concurso do atrasado mental

o outro cliente bebe e escreve
pois, por acaso, é poeta
começou a pensar que era poeta aos 16 anos
quando escrevia umas coisitas sentimentais
depois fez umas pausas
publicou uns livros
e agora tem a mania de escrever todos os dias
pensa que acrescenta algo à humanidade
pensa que a pode mudar, que a pode moldar
à sua imagem e semelhança
mas é o gordo atrasado mental que arranca as palmas
de vez em quando os media lembram-se do poeta
mas depois desaparecem
as horas vão passando
e o poeta continua a beber
vai sair mais um daqueles épicos
para contar aos netos
ouve amigos que admirava e que já partiram
o Jaime, o Joaquim, o Alba
e as barbas crescem
as conversas do gerente com os clientes
não o entusiasmam
falam de voltas e de carros e de cartas
é certo que o poeta gosta de andar às voltas
até se sente atraído pela gaja que está ao balcão
e que fuma
e grita: GAJA QUE ESTÁS AO BALCÃO, AMO-TE!
E a gaja dá-lhe um beijo na boca.

O POEMA

Quando vou dizer poesia
não vou apenas dizer poesia
vou passar mensagens
sinto que estou próximo
de escrever "o poema"
o poema à Nietzsche, divino,
que vá muito para lá das bolas de Natal
que incorpore a raiva, a revolta,
que vai nas ruas de Atenas
e que se vai estender por toda a Europa
o poema que está no sexo, nas mamas das gajas
que permanentemente se insinua para mim
e me acendem
o poema que está nas vozes dos deserdados da vida,
dos que dormem à chuva e ao frio nas ruas,
nas cabines telefónicas, onde calha
o poema dos poetas malditos que insultam a vida imbecil
dos burgueses, que dizem não às convenções e às normas,
que sobem à montanha da águia e da serpente porque estão fartos
do rebanho e da população, porque estão fartos dos cegos
que se deixam governar por imbecis, como dizia Shakespeare
o poema daqueles que não se contentam com a lógica do dinheirinho
e do trabalhinho, daqueles que vão ao fundo deles mesmos e do mundo,
daqueles que odeiam o mercado e os contabilistas que governam,
daqueles que se tornam neles mesmos e que dizem que o melhor governo
é não existir governo nenhum

o poema daqueles que amam o caos porque sabem que é do caos
que nasce a criação, daqueles que amam as alturas e o perigo,
daqueles que se entediam com o paleio imbecil do dinheiro
e do sucesso mediático
o poema daqueles que amam vertiginosamente sem limites, daqueles
que procuram o sublime, o céu na Terra e que sabem que pode estar
ao virar da esquina
o poema daqueles que amam a vida, a vida pura, autêntica, a vida que não está
nos bancos nem nos governos nem nas Igrejas nem no quotidiano imbecil
e previsível
o poema daqueles que vivem em rebelião, que não suportam mais a existência quadrada
e vazia, a existência de percentagens, bolsas e estatísticas que esses cabrões
contabilistas nos vendem
o poema daqueles que já nada têm a perder, que atiram pedras e cocktails molotov
aos cães da polícia, aos representantes dos contabilistas e dos economistas, que
combatem a morte em nome da vida e que sabem que só assim a coisa é possível,
sem dirigentes nem vanguardas, sem negociações, mediações ou sindicatos,
já se fizeram todas as negociações possíveis, já se esgotaram todos os entendimentos,
as negociações quase mataram o Homem, quase tornaram o Homem numa espécie
falhada
é tempo de reagir
agora ou nunca!
WE WANT THE WORLD AND WE WANT IT NOW!
Não há aqui meios-terminos
não há meias palavras
ou...ou...
ou és nosso ou és deles
estou a falar da vida
estou a falar da celebração
estou a falar da liberdade
estou a falar do amor
do amor que não está nos negócios, do amor que não está no mercado, do amor
que não está no dinheiro, no amor que não está no senso comum
este é o poema

o poema que não está cotado na bolsa
o poema que não está no mercado
o poema que não vale 4,3%, nem 9%, nem 15,5%, nem 18 valores
o poema que não é nota, o poema que não vai a exame
o poema que vai ao mar e se deixa levar
o poema que te ama
e que não quer saber do Natal
o poema que dança
e que não grama prisões
o poema que canta
e não quer saber de cifrões
o poema armado
que vai à luta
que vai até ao fim
o poema que te chama
que te acena
ao lado de Merlin
o poema que procura
que anda às turras
até encontrar
o poema que conquista
que se lança ao mar
sem medos
o poema-torpedo
o poema que perfura
até conseguir
o poema que incomoda
que não está na moda
e que, se calhar, até está
o poema que cria
o poema que destrói
o poema que inaugura
e que dói

olha, alguns fogem
viram a cara
outros ficam
siderados, talvez
nunca tinhas escrito bem assim...

*A. Pedro Ribeiro ou António Pedro Ribeiro nasceu no Porto em Maio de 1968. Foi fundador e coordenador da revista "Aguasfurtadas". É autor dos livros "Queimai o Dinheiro" (Corpos Editora, poesia, prosas e manifestos, Março de 2009), "Um Poeta a Mijar" (Corpos Editora, poesia, 2007), "Saloon" (Edições Mortas, poesia, 2007), "Declaração de Amor ao Primeiro-Ministro. Manifestos do Partido Surrealista Situacionista Libertário" (Objecto Cardíaco, poesia e manifestos, 2006), "Sexo, Noitadas e Rock n' Roll" (Edições Pirata, poesia, 2004), "Á Mesa do Homem Só. Estórias" (Silêncio da Gaveta, poesia, 2001) e "Gritos. Murmúrios" (com Rui Soares, Grémio Lusíada, poesia, 1988). Colaborou nas revistas "Voz de Deus", "Um Café", "Bíblia" e "Íncubo", entre outras, além de fanzines. Diz regularmente poesia há mais de 20 anos. É licenciado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.